

O lago não está morto

O Lago Paranoá, apesar de todos os esgotos ali despejados, dos quais 50% sem qualquer tipo de tratamento, ainda está longe de se transformar em um lago morto. Infecto, sem sombra de dúvidas, mas um depósito de esperanças de ecologistas e conservacionistas que pedem maiores atenções para as suas águas e imediações.

Ao contrário de outras lagoas e lagos brasileiros, até o momento, no Paranoá não foi fechado o ciclo do esquistossomose, embora em alguns pontos possa ser facilmente identificado o caramujo típico da doença. Desta forma, o biólogo Braúlio Dias, do Departamento de Pesquisas Biológicas do IBGE e professor da UnB defende uma maior proteção ambiental para o Paranoá.

«Embora tenha sido criado artificialmente, o lago representa hoje uma paisagem natural de fun-

damental importância para Brasília», frisou.

Alertou em seguida, que outras doenças poderão afetar os frequentadores intencionais ou acidentais das águas do lago, como a hepatite e a cólera.

Para o publicitário Nicolas Behr, conselheiro da Funatura — Fundação Pró-natureza, o Paranoá «é um exemplo de como pode dar errado, quando não se faz um relatório de impacto ambiental como o Rima, hoje exigido pela Sema — Secretaria Especial do Meio Ambiente. A mesma opinião, tem o ecólogo Benjamin Sicsu, do Coama, lembrando que o projeto de despoluição do Paranoá que será implementado pela Caesb não solicitou o Rima, indispensável para a sua execução.

«Os organismos de proteção ambiental estarão atentos a qualquer tipo de iniciativa com relação ao Paranoá», afirmou Benjamin Sicsu.